



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

CONHECIMENTO TRADICIONAL SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E FARMÁCIA VIVA NA COMUNIDADE DE LAGOA GRANDE – MARIA QUITÉRIA-FEIRA DE SANTANA-BA

Camila Menezes Souza¹; José Raimundo Oliveira Lima²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Ciências Econômicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: camila20menezes@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: zeraimundo@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: etnobotânica; plantas medicinais; farmácia viva.

INTRODUÇÃO

Desde as primícias da humanidade, o homem busca na natureza formas de melhorar suas próprias condições de vida, em prol da sobrevivência. Essa interação é ligeiramente evidenciada na relação existente entre os humanos e as plantas, visto que o uso dos recursos vegetais e suas diferentes formas são, além de diversos, essenciais, segundo Balick & Cox (1997). De acordo com Alcorn (1995), a Etnobotânica se define como o estudo das inter-relações entre humanos e plantas em sistemas dinâmicos; ou ainda, como o estudo das inter-relações ecológicas, evolucionárias e simbólicas das sociedades humanas, do passado até os dias atuais, com as plantas (ALEXIADES, 1996; ALBUQUERQUE, 2005).

Com efeito, a utilização de plantas medicinais no uso curativo de doenças ou sintomas se caracteriza como um dos reais exemplos dessa interação, onde o uso tradicional dessas plantas é comumente relacionado à manutenção da saúde em diversas comunidades Brasil afora. Esta prática, surge desde o início da colonização, quando os primeiros europeus ao chegarem em terras brasileiras, se depararam com o uso cultural destas plantas pelos povos indígenas que aqui habitavam; conhecimento este, que foi se construindo à medida que novos europeus e escravos africanos eram trazidos ao país (GIRALDI, HANAZAKI, 2010).

Essa evolução dos saberes sobre as plantas medicinais se dá, ainda que escassos os registros do conhecimento tradicional das comunidades quilombolas no Brasil, muitas delas, mantêm as tradições que seus antepassados trouxeram da África, desde práticas agrícolas aos cuidados com a saúde física e espiritual, práticas religiosas, artesanato, culinária, relações comunitárias no uso da terra, além de outras formas de expressão cultural, segundo Anjos (2000). Entretanto, quando se trata especificamente do conhecimento tradicional acerca das plantas medicinais, este, apresenta ameaças à sua continuidade devido a fatores como: a exposição das comunidades à sociedade urbano-industrial, e conseqüentemente, às pressões culturais e econômicas externas; além da facilidade de acesso à medicina moderna, ainda que um conseqüentemente não anule o outro (AMOROZO, 2002).

Dessa forma, a Etnobotânica, enquanto ramo do conhecimento surge não só com o objetivo de integrar o conhecimento local ao conhecimento acadêmico, a respeito dos fenômenos e processos naturais; mas também, realizando um papel precursor no resgate

e valorização da cultura local (MELO, LACERDA, HANAZAKI, 2008). As Farmácias Vivas, do modelo I, segundo Ceará (2009), se caracterizam como atividades de cultivo, a partir da instalação de hortas de plantas medicinais em unidades de farmácias vivas comunitárias e/ou unidades do SUS (Sistema Único de Saúde), tornando de fácil acesso à população, a planta medicinal in natura e a orientação adequada de como cada qual deve ser utilizada no preparo de remédios caseiros. Configurando-se assim, como uma das alternativas práticas de fortalecimento do conhecimento tradicional.

Tendo em vista os projetos desenvolvidos pela Incubadora de Iniciativas de Economia Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS/UEFS), os quais atuam através de ações educativas coletivas, participativas e democráticas com a Comunidade; e utilizando-se da Etnobotânica, onde uma catalogação e identificação de espécies de plantas medicinais, utilizadas comumente pela Comunidade Quilombola Lagoa Grande, foi realizada numa pesquisa antecedente. Neste contexto o desenvolvimento deste plano de trabalho objetivou dar continuidade e vem contribuindo neste sentido, ao fortalecimento e resgate da cultura local, através da implantação de uma Farmácia Viva dentro da comunidade, disseminando assim o conhecimento também para a população mais jovem, a qual será futuramente responsável (já se trabalha como uma preocupação ancestral) pela geração seguinte.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O presente plano de trabalho de pesquisa foi desenvolvido na Comunidade Quilombola de Lagoa Grande, localizada no Distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana, - BA. Esta se encontra dentre uma das comunidades atendidas pela Incubadora de Iniciativas de Economia Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS/UEFS), localizadas na região semiárida do Nordeste brasileiro. A Incubadora desenvolve suas atividades a partir da Universidade Estadual de Feira de Santana, localizada no município de Feira de Santana – BA, em uma coordenada aproximada de 12° 16' 24'' S e 38° 57' 20'' W, com altitude de 232 metros, segundo o DB-City.

Neste contexto, alguns produtos do Projeto Incubadora vem sendo desenvolvidos na comunidades. Inicialmente, as cartilhas e catálogo produzido no plano de trabalho anterior a este, contendo as informações acerca das plantas medicinais mais utilizadas pela Comunidade da Lagoa Grande e suas usuais funções fitoterápicas foram utilizadas como base para um o início de uma roda de conversa *online* sobre como as plantas estavam sendo utilizadas dentro da comunidade e como esse conhecimento era passado ao longo dos anos. Sendo estes resultados do trabalho em campo realizado dentro da Lagoa Grande, com metodologia previamente discutida e estabelecida pela IEPS/UEFS, onde diversas famílias foram entrevistadas sobre o assunto em questão; o que possibilitou assim, a subsequente continuidade deste plano de trabalho, como forma de complementar os estudos já iniciados anteriormente.

Em seguida, num segundo momento, foi iniciado um diálogo com a senhora Silveria Almeida Santos, uma importante liderança representativa, dentro da comunidade, sobre a importância das plantas medicinais para a manutenção da saúde local e da relevância do resgate, fortalecimento e propagação do conhecimento tradicional. Com base nesse diálogo e tendo em vista o momento pandêmico traçou-se a estratégia de expor esse conhecimento da comunidade de uma forma mais ampla e dinâmica com *posts* e a cartilha que pode ser compartilhada de diversas maneiras e por qualquer pessoa, assim divulgando saberes e experiências da comunidade para todos.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Ao final da execução deste plano, foi observado que os moradores da comunidade possuem conhecimento acerca da importância, funcionalidade e características das plantas medicinais existentes no local onde residem, o que fortalece o conhecimento popular e incentiva o plantio e uso delas, além de permitir sua inserção nos costumes habituais de cada indivíduo.

Como resultado dos diálogos com os membros da comunidade foi discutido possibilidades de comercialização das plantas conforme dimensões sociocomunitárias apresentadas pela economia popular e solidária conforme discute Lima (2016), tendo em vista que a Farmácia viva já está presente dentro da comunidade nas suas práticas diárias, porém, muitos moradores responderam que as plantas medicinais não costumam ser comercializadas; eles costumam ter no quintal ou compartilham entre os vizinhos. A Partir daí foi proposto a criação de uma cartilha para poder divulgar esse conhecimento local. A cartilha foi criada e está disponível para todos os moradores da comunidade e todas as pessoas que quiserem conhecer mais a comunidade e sua experiência acerca da Farmácia viva conforme figura abaixo.

Anexo 1. Posts para Instagram sobre as principais plantas da Lagoa Grande.



Figura 1. Apresentação do projeto.

Figura 2. Apresentação das plantas medicinais.



Figura 3. Apresentação das plantas medicinais e agradecimentos.

Anexo 2.As principais plantas medicinais da Lagoa Grande, do quilombo para o Mundo (Cartilha).

<http://drive.google.com/u/0/uc?id=1n09k4CzOpl5pJH4KJbrDEYAQTS1EaN&export>



[=download](#)

Cartilha. Farmácia Viva, (1).pdf (Linha de comando)

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Com base no que foi proposto conclui-se que a Farmácia viva já é algo fortemente presente para os moradores da comunidade Lagoa Grande pois os mesmos já a utilizam. Além disso, com a criação da cartilha é uma nova forma de compartilhar esse conhecimento com a população, que além dos benefícios diretos que promovem, não cobram pelo coletivo e distribuição das plantas. Portanto, é possível constatar que alguns dos objetivos propostos no plano de trabalho foram alcançados, como o fortalecimento e divulgação da Farmácia Viva, tanto dentro como fora da comunidade, além de que a Incubadora da UEFS (IEPS-UEFS) passou a hospedar em seu site a pesquisa e os documentos resultantes desta. Entretanto, percebem-se que existe a necessidade de se fazer novos estudos e de se lavar esse conhecimento adiante, divulgando-o para as feiras e rodas de conversas dentro da comunidade e de outras territorialmente interessadas.

REFERÊNCIAS

- [1] ALBUQUERQUE, U.P. Introdução à Etnobotânica. 2 ed. Rio de Janeiro, Interciência. 2005.
- [2] ALCORN, J.B. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: Schultes, R.E. & von Reis, S. (eds.). Ethnobotany: evolution of a discipline. Portland, Dioscorides Press.
- [3] ALEXIADES, M. 1996. Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. New York, New York Botanical Garden.
- [4] AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Laverger, MT, Brasil. Acta Botanica Brasilica. 16(2): 189-203. 2002.
- [5] ANJOS, R.S.A. Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil – Primeira Configuração Espacial. 2. ed. Brasília, Mapas Editora & Consultorias, 2000.
- [6] BALICK M.J. & COX, P.A. 1997. Plants, people and culture. New York: Scientific American Library.
- [7] CEARÁ. Decreto do Governo do Estado nº 30.016, de 30 de dezembro de 2009. Aprova o Regulamento Técnico da Fitoterapia no Serviço Público do Estado do Ceará. [S.l.: s.n.], 2009.
- [8] GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. Acta Botanica Brasilica. 24 (2), 395-406. 2010.
- [9] LIMA, J.R.O. Economia Popular e Solidária e desenvolvimento local: relação protagonizada pela organicidade das iniciativas. **Outra Economia**, 10, n. 18, enero-junio 2016.
- [10] MELO, S.; LACERDA, V. D.; HANAZAKI, N. Espécies de restinga conhecidas pela Comunidade do Pântano do Sul, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Florianópolis, SC, 2008.